

A diáspora no Brasil e o Brasil na diáspora: literatura e imigração

David Brookshaw
University of Bristol

Mau grado a obra de um escritor da geração de 50, como Samuel Rawet, para não mencionar também a própria Clarice Lispector, a presença de uma voz imigrante na literatura brasileira é um fenômeno relativamente recente, e que data do último quartel do século 20. Seria razoável argumentar (embora a explicação seja apenas parcial) que a emergência tardia de uma literatura enfocando a experiência do imigrante no Brasil se deva ao relativo atraso no movimento maciço de imigrantes para esse país (em comparação com os Estados Unidos). Isto não quer dizer que a figura do imigrante como personagem não esteja presente na literatura brasileira desde o século dezenove. Além da presença de *portugueses* em vários romances canônicos do realismo e do naturalismo, não devemos esquecer também o papel do *italiano* na obra de alguns modernistas paulistanos ^[1]. Mas a saga da imigração italiana no Sul do país só apareceu na década de 80, evocada pelo escritor rio-grandense, José Clemente Pozenato, no romance *O quatrilho* (1983), a mesma década em que apareceu o primeiro romance que tinha por tema a imigração japonesa, *O jardim japonês* (1983), de Ana Suzuki ^[2]. É bom, portanto, começar por refletir sobre as possíveis razões por este aparecimento tardio de uma literatura baseada na experiência do imigrante no Brasil.

Ao tentarmos uma explicação, mesmo parcial, vale recorrermos à idéia proposta pela crítica Rosemary Marangoly George, de que as literaturas marginais (no caso dela, como na nossa, a expressão literária de uma voz imigrante) se opõem às noções essencialistas de identidade nacional promovidas por certas seções da elite, tanto nas nações-estados *antigas* como nos países que atingiram a independência política recentemente. A literatura do imigrante, portanto, contradiz o caráter essencial das tais *comunidades imaginadas* de Benedict Anderson ^[3]. George estava particularmente interessada nas literaturas surgidas das várias descolonizações européias na segunda metade do século 20, e não podemos esquecer que neste sentido, o Brasil não é um país de criação recente. Por outro lado, a tradição de nacionalismo cultural no Brasil,

fundado inicialmente na noção da assimiliação de certos elementos de origem ameríndia por uma cultura maioritariamente latina e católica, depois no misticismo surgido da trindade de culturas européia, ameríndia e africana, se mantém constante por pelo menos um século, sendo talvez atualmente mais forte do que nunca, graças à sua divulgação pela mídia como plasma de uma autêntica cultura nacional popular. A *comunidade imaginada* brasileira dá pouco espaço ao imigrante a não ser como personagem secundário (comparem, por exemplo, a importância de Nacib com a de Gabriela, no romance de Jorge Amado). O mesmo se poderia dizer de uma literatura do imigrante, que implica a necessidade de acomodar dentro do panteão nacional, novas histórias, novas memórias e novos tempos, elementos adicionais ao discurso nacionalista tradicional.

Esta comunicação focalizará a obra de dois romancistas brasileiros, de duas extremidades geográficas do país, que se tornaram expoentes literários de duas importantes comunidades no Brasil, com origem nas correntes migratórias modernas: Moacyr Scliar, descendente de judeus russos, que se tornou o representante mais conhecido nacional e internacionalmente de uma literatura radicada na comunidade oriunda da imigração da Europa Central e de Leste para o Sul do Brasil nas primeiras décadas do século 20, e Milton Hatoum, produto da comunidade de imigrantes de origem libanesa, e que se estabeleceram na Amazônia durante mais ou menos o mesmo período. A comunicação prestará atenção especial ao romance, *A majestade do Xingu*, de Moacyr Scliar (1997), e de Milton Hatoum, os romances *Dois irmãos* (2000) e *Relato de um certo Oriente* (1991). O primeiro objetivo da comunicação será de considerar como é que poderíamos inserir estas obras em termos das suas metáforas centrais, na grande tradição novelística brasileira, e em segundo lugar, mostrar como estes três romances sugerem uma visão muito mais complexa da identidade daquela geralmente comunicada por meio dessa mesma tradição.

A solidariedade e/ou rivalidade entre irmãos (gêmeos ou não) parece ser um tema secular da cultura mitológica ocidental – basta pensar em Rômulo e Remo, Castor e Pólux, Abel e Caim para citar os casos mais óbvios. A literatura brasileira de formação da nacionalidade parece ter herdado esses protótipos. Não é coincidência que a literatura brasileira seja repleta de irmãos (de sangue, biologicamente gêmeos, espirituais), desde os dois *alter ego* que representavam a aliança entre colonizador e indígena, Martim e Poti/Filipe Camarão no clássico alencariano *Iracema*, aos

gêmeos monárquico e republicano, Pedro e Paulo de Machado de Assis, aos três irmãos da trindade racial de Mário de Andrade. Por isso, é em harmonia com a tradição brasileira que tanto Scliar como Hatoum recorrem às possibilidades simbólicas sugeridas por dois protagonistas *irmãos*. É verdade que no caso de Moacyr Scliar, isto precisa ser qualificado: o narrador anônimo e seu irmão *literário*, Noel Nuttels (personagem baseado no sertanista histórico do mesmo nome), não são irmãos de sangue e as emoções que associamos com esse estado (rivalidade e solidariedade) só são sentidas pelo narrador à medida que recria, através de Nuttels, o seu próprio irmão biológico que nasceu morto. Os vínculos entre estes *irmãos* se diferenciam radicalmente das rivalidades e dos ódios explícitos entre os gêmeos, Yakub e Omar, na saga familiar de Milton Hatoum.

Nos dois romances, os irmãos personificam as duas opções encaradas por uma primeira geração de imigrantes, e que são as mesmas que caracterizaram a colonização brasileira desde o início da sua história como território colonial de Portugal. Uma é essencialmente sedentária e, no caso destes dois romances, urbana, comercial ou profissional, garantindo assim, pelo menos em princípio, a coerência da comunidade imigrante. Daí que o narrador em *A majestade do Xingu* passa de vendedor ambulante a dono de uma loja em São Paulo, enquanto em *Dois irmãos*, Yakub deixa Manaus para estudar e depois se estabelecer em São Paulo. A outra opção é nômade e estimulada por outro ideal constituído pelo desejo de integração na nova terra. Relaciona-se mais com a tradição do bandeirante, caracterizado pela mobilidade e uma espécie de fluidez que tem mais a ver com um ideal democrático. Também sugere a busca de um novo centro, livre das raízes da comunidade ancestral. Para Nuttels, no romance de Scliar, este centro é o contrário do Brasil urbano, alvo dos imigrantes europeus: é o Xingu e uma vida dedicada aos índios. No caso de Omar, irmão dissoluto, gêmeo de Yakub, a situação é mais complicada. Mimado e protegido pela mãe, Zana, autêntica matriarca, Omar acaba por ser um personagem trágico e patético, que parece querer libertar-se da família, mas não possui a força de vontade para que isso se concretize. A sua malograda fuga com a amante mulata põe fim aos seus sonhos de liberdade e de indigenização.

É a justaposição do Brasil sedentário e nômade que, de certa forma, associa estes dois romances à corrente indigenista na tradição literária brasileira. O narrador do romance de Scliar, como produto de um movimento migratório, se identifica de certa forma com os índios e com

todo o mito da migração pré-histórica da Ásia através dos estreitos de Bering. Porém, a visão que o narrador tem do índio, difere da de Nuttels, o sertanista, porque está baseada nos mitos, nos temores e nas fantasias da psicologia brasileira urbana, e que Scliar, não pela primeira vez, satiriza e parodia neste romance: o mito do canibalismo, transposto por meio de uma espécie de pesadelo, ao ambiente urbano-industrial de São Paulo, e a erotização das relações entre colonizador e colonizada, na inclusão de um caso de amor entre o narrador russo judaico, na realidade um pacato burguês pouco aventureiro, e uma mulher brasileira de nome Iracema, que da heroína pura e casta de Alencar, só tem o nome!

O tratamento do tema do índio em Hatoum já é diferente, o que pode ser explicado pelo fator regional. Nos romances do escritor de Amazonas, Manaus é uma espécie de ilha urbana num oceano selvático, que inspira medo ou curiosidade. A população urbana não contém nenhum elemento que não seja produto de uma experiência diaspórica. Daí os caboclos procedentes do interior, como Domingas, a criada da família em *Dois irmãos*, se acharem no mesmo hiato cultural de que os *árabes* e os demais imigrantes, porque todos têm memórias de uma cultura e língua ancestrais em fase de diluição. Da mesma forma, o tema tradicional da miscigenação entre colonizador e mulher indígena, toma uma forma mais *realista* no romance amazônico, tendo um papel mais dramático do que cômico e satírico, como é o caso do livro de Scliar. Não sabemos se o filho de Domingas, incorporado na família de Zana, é produto de uma ligação romântica entre o jovem Yakub e a servente (portanto uma ligação à base de amor do tipo Martim/Iracema), ou se é produto de uma violação por parte de Omar.

Poderíamos dizer, portanto, que estes dois romances oriundos da experiência da imigração focalizam temas tradicionais da literatura brasileira, como sejam a oposição campo/cidade, civilização/natureza, e até etnocentrismo/fusão racial. Em outros aspectos também se inserem na tradição novelística brasileira do século 20 ao desenvolverem os seus enredos contra um pano de fundo histórico e político. De fato, este contexto histórico é mais ou menos idêntico nos dois romances: os anos de expansão econômica do período de pós-guerra durante a *democracia liberal* da década de 50, o golpe de 64 e a ditadura militar. Por consequência, os romances nos deixam com a sensação de termos assistido a um ciclo da vida social e política brasileira, um invólucro contextual para o drama de uma comunidade imigrante e suas tentativas de se adaptar ao novo meio. O fim dos dois romances representa também o fecho de um ciclo econômico: em *Dois*

irmãos, a dispersão da família se completa com a eventual venda do negócio familiar a um novo imigrante. A época da coesão familiar debaixo do governo da matriarca, Zena, destina-se à memória. Em *A majestade do Xingu*, a morte de Noel Nuttels de certa maneira serve como metáfora para o fim de uma era de proteção ao índio com origem na filosofia social positivista do começo do século, e que achou expressão durante o regime de Getúlio Vargas. Por outro lado, tal como no romance de Milton Hatoum, é o fim de um ciclo econômico, já que o narrador vende sua loja a um novo nômade do outro lado do estreito de Bering, um coreano, produto de uma onda mais recente de imigrantes.

Importa agora considerar em que medida estes dois romances se diferenciam do discurso tradicional da narrativa brasileira de identidade nacional. Ao fazer isso, vale a pena recordar as palavras da já citada Rosemary George de que “a imigração desescreve a nação”^[4]. Não há dúvida que estes dois romances revelam que a integração não é um processo ordenado, livre de dificuldades de ordem emocionais e psicológicas, simplesmente porque os protagonistas possuem memórias e afiliações culturais pré-brasileiras, que em algumas instâncias influenciam as suas ações e explicam o seu desassossego (sendo o exemplo mais explícito, Emir, personagem de *O Relato de um certo Oriente*). Halim, o marido de Zana, vagueia pela zona portuária de Manaus, como se estivesse em alguma linha de fronteira, e vagueia para dentro da memória. O narrador de Scliar passeia, na velhice, por São Paulo como se estivesse tentando esquecer a falta de realização na sua vida, e imitar, na medida das suas possibilidades, o espírito nomádico do seu *irmão*. A primeira geração de imigrantes é uma geração entre dois mundos, o mundo do tempo presente, em que o impulso nomádico nunca pára por completo, e o mundo do passado, que nunca é abandonado por completo. Nunca sabemos, por exemplo, se o pai de Zana regressa ao Líbano para morrer, ou se morre, por fortuidade, durante uma visita ao país ancestral. Mas o que nem ele teria previsto é que ao regressar ao lugar de origem, regressa trazendo os hábitos e os gostos de um *brasileiro*. Por outro lado, os que nunca regressam, os destinados a morrer no Brasil, pouco a pouco regressam na memória e na língua ao passado ancestral, como é o caso de Zana e de Emilie, em *Relato de um certo Oriente*. No romance de Scliar, o regresso toma uma forma mais dramática, mas ao mesmo tempo mais abstrata, não deixando por isso de ilustrar o caráter cosmopolita dos imigrantes: o filho do narrador *regressa* para a Europa, enquanto a mulher, numa

versão tardia e inversa do trajeto utópico de Noel Nuttels, abandona o marido para ir viver em Israel, primeiro num kibutz, depois como mulher do chefe de uma tribo de beduins. Tal como Nuttels, deita suas raízes no próprio processo de desenraizamento, que o idealismo implica.

É evidente que a literatura brasileira não tem sido isenta das desconstruções da narrativa nacionalista que têm surgido esporadicamente ao longo da literatura brasileira do último século. Entretanto, um dos aspectos mais originais destes dois escritores é sua sensibilidade com respeito à relação entre a memória e a ficção – ou seja a re-invenção do passado visto do exílio. Sabemos, por exemplo, que o narrador em *A majestade do Xingu* é leitor tão assíduo que a loja não passa de um pretexto para ele sair de casa todos os dias para ler: é na realidade uma espécie de salão de leitura. Além disso, é o lugar onde começa a escrever, a recriar e por isso a reinventar Nuttels, que se torna o seu texto. Inventar, para o filho, histórias de Nuttels entre os índios, baseadas na sua leitura da literatura brasileira. É, portanto, através do narrador, dono de uma loja em plena cidade de São Paulo, que Nuttels se inscreve na literatura brasileira: torna-se protagonista de uma narrativa neo-indianista. Processo parecido ocorre na ficção de Milton Hatoum. No romance *Relato de um certo Oriente*, as memórias que o marido de Emilie tem do Líbano passam pelo filtro da sua leitura dos *Contos de mil e uma noites*. Suas memórias são portanto moduladas e recriadas pela literatura, realçando assim a subjetividade da nossa mundividência, a nossa capacidade, e até necessidade, de reinventar o nosso passado, fazendo da realidade uma ficção e da ficção uma realidade.

[1] A primeira obra literária a focar o imigrante como personagem foi o romance naturalista, *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo. Entre os modernistas de São Paulo, são de destacar Antônio Alcântara Machado e Alexandre Marcondes Machado que, com o pseudônimo Juó Bananère, escreveu textos imitando o dialeto italiano de São Paulo, de teor humorístico e satírico, no semanário, *O pirralho*, fundado por Oswald de Andrade. Entre outros autores que saíram do Modernismo, vale citar Vianna Moog, que no romance *Um rio imita o Reno* (1938), estudou a comunidade alemã do Sul do Brasil.

[2] O romance de Pozenato foi adaptado para a televisão em forma de novela, o que fez do livro um autêntico *best-seller*. É significativo que o romance de Suzuki saiu na mesma época que o filme, *Gaijin – Terras da Liberdade*, obra prima da realizadora Tizuka Yamasaki.

[3] GEORGE, Rosemary Marangoly. *The politics of home: postcolonial relocations and twentieth-century fiction*. Los Angeles: University of California Press, 1996. A referência é ao estudo canônico de Benedict Anderson, *Imagined communities: reflections on the origins and spread of nationalism* (1983).

[4] GEORGE. Op. Cit. p. 186.